



Universidades Lusíada

Belo, Albertina Marques Pires, 1947-

Monumentalidade da Lisboa do século XVIII : o Real Convento de São Francisco da cidade de Lisboa

<http://hdl.handle.net/11067/3402>

Metadados

Data de Publicação	2017-07-05
Resumo	A ordem religiosa franciscana surge em Lisboa nas primeiras décadas do século XIII, resultado da diáspora da comunidade italiana de vida franciscana, nascida do modo de vida tomada por Francisco de Assis, no dealbar do século XIII. Já como ordem regrada, instala-se fisicamente na periferia rural da cidade de Lisboa; nos séculos XVI e XVII, atingira grande expressividade numérica como Ordem religiosa de um burgo que vai granjeando verdadeiro cosmopolitismo, como capital de um reino em franca exp...
Palavras Chave	Arquitectura franciscana - Portugal - Lisboa - Século 18, Convento de São Francisco da Cidade (Lisboa, Portugal), Franciscanos - Portugal - Lisboa, Lisboa (Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 7 (1.º semestre 2015)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-23T08:47:46Z com informação proveniente do Repositório

MONUMENTALIDADE DA LISBOA DO SÉCULO XVIII. O REAL CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DA CIDADE DE LISBOA

Albertina Marques Pires Belo

RESUMO

A ordem religiosa franciscana surge em Lisboa nas primeiras décadas do século XIII, resultado da diáspora da comunidade italiana de vida franciscana, nascida do modo de vida tomada por Francisco de Assis, no dealbar do século XIII.

Já como ordem regrada, instala-se fisicamente na periferia rural da cidade de Lisboa; nos séculos XVI e XVII, atingira grande expressividade numérica como Ordem religiosa de um burgo que vai granjeando verdadeiro cosmopolitismo, como capital de um reino em franca expansão, virado ao o mundo; mesmo na época de subjugação aos reis de Castela, Lisboa não deixa de se embelezar, pois os trabalhos em mãos, anteriores à dinastia dual, prosseguem nos trâmites previstos.

Os novéis franciscanos de Lisboa, a par do que aconteceu com os do restante território português, progrediram a vários níveis, deixaram os primitivos eremitérios para se constituírem em conventos, acanhados e rudimentares de início, mas em sequente transformação, crescimento e embelezamento, conformes ao aumento do número de religiosos e de crentes em seu redor.

O espaço franciscano construído em Lisboa, que ficará conhecido por Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, se de início ostentou uma componente rural, com o tempo, adquire visibilidade urbana, enquadrado num quarteirão, com muros alinhados em arruamentos originados na campanha de assoreamento das zonas ribeirinha da beira Tejo, o que irá permitir a monumentalidade que ostenta em pleno século XVIII. Hoje passadas algumas vicissitudes, incêndios e tremores de terra, ainda apresenta, no que dele restou, vestígios daquela grandeza arquitectónica.

ABSTRACT

The Franciscans arise in Lisbon in the early decades of the 13th century, as a result of the diasporas of the Italian Franciscan life's community born with Francis of Assisi, at the beginning of the 13th century. As a ruled order, they had physically installed in the rural Lisbon's periphery; in the 16th and 17th centuries, the Franciscans had reached great expressiveness as a religious order in a city that, in turn, had reached a true cosmopolitanism, as a developing capital of a Kingdom that faced out to the world; even during the subjugation of Castile, Lisbon continued to be embellished.

In Lisbon, just as in the rest of Portuguese territory, the Franciscans had grown up, and left drop the primitive hermitages, in order to build convents, rudimentary buildings that, soon, acquired increasingly complexity.

The Franciscan space built in Lisbon, known as Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, had born in rural areas around the city; however, over time, had acquired urban visibility, framed in a urban block, with walls built along streets, drawn in the new land conquered to the river Tagus.

The convent would arise with monumentality in the middle of the 18th century. Today, passed some vicissitudes, fires, earthquakes, aging, still shows traces of sumptuousness.

PALAVRAS-CHAVE

Urbanismo, Arquitectura, Monumentalidade, Lisboa, Franciscanos.

KEY-WORDS

Urbanism, Architecture, Monumentality, Lisbon, Franciscans.

CONTORNOS CIRCUNSTANCIAIS

Giovanni Battista di Pietro Bernardone nascido em Assis (1181 ou 1182 / 03-10-1226) toma o nome de Francisco e funda a Ordem de São Francisco no ano de 1209; no ano seguinte, o papa Inocêncio III abençoa e aprova o sistema de vida franciscano que preconiza; entretanto, a respectiva regra é delineada e, em 1223, o papa Honório III dá-lhe forma¹.

Em 1217, Francisco de Assis encaminhara os seus seguidores para a diáspora, levando ao desmembramento da Ordem em Províncias pessoais, e consequente obediência dos frades a um ministro; o capítulo geral de 1219 reforça a estrutura criada, promovendo Províncias Territoriais².

O século XIII assiste à incorporação da Península Ibérica na Província Territorial das Espanhas. Entre 1232 e 1239, esta província ramifica-se nas de Aragão, Castela e Santiago, ficando a Província do reino de Portugal dependente desta última³.

A Custódia de Portugal ou de Lisboa esteve dependente da Província de Espanha, reunindo as casas franciscanas existentes, até ao capítulo geral de 1233. Surgem os primeiros eremitérios e emergem as casas conventuais. O prosperar destas, leva a que, em 1272, a Custódia de Portugal se desdobre nas de Coimbra e de Lisboa⁴. Na dependência desta ficam sete conventos, incluindo o da cidade de Lisboa. Apenas, após o Cisma da Igreja, no primeiro quartel do século XV, é confirmada a autonomia da Província de Portugal⁵.

1. O A CHEGADA DE FRANCISCANOS À CIDADE DE LISBOA: PRESENÇA FÍSICA

O Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa foi erguido no século XIII, fundado por frei Zacarias⁶. Entre os anos de 1216 e 1217, assistiu-se ao início das obras, e fundação conventual⁷, com a ajuda de companheiros que, com essa finalidade, vieram de Itália.

Em plena Idade Média, tomou formas e dimensões humildes, fora das portas da cidade, em espaço rural, frente à antiga Ribeira das Naus – tendo perto uma única construção, a pequena ermida dedicada a Nossa Senhora dos Mártires, fundação de D. Afonso Henriques⁸. Ergueu-se no Monte Fragoso, no cimo da escarpa conhecida então por Barrocal⁹ e hoje denominada

¹ Cf. RIBEIRO, 1924, passim; Cf. BELÉM, 1750, parte I, fls. XVII e XIX.

² Cf. MOREIRA, 2000, p. 273.

³ Cf. Idem, *Ibidem*, p.272 e sgg.

⁴ Cf. CONCEÇÃO; FONSECA, 1740, p. 4.

⁵ Cf. ESPERANÇA, 1656, vol. 2, p. 332; CONCEÇÃO; FONSECA, 1740, p. 4.

⁶ Frei Zacarias com Frei Gualter chegam ao país pelo ano de 1215, trazem em mão credenciais franciscanas que apresentam a D. Afonso II; formam uma pequena comunidade religiosa em Alenquer; entretanto, frei Zacarias parte para Lisboa e Frei Gualter segue para Norte. (cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 186, col. esq.).

⁷ Cf. P. M. da S. P., 1741, p. 5.

⁸ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 186, col. dt.^a; Lisboa, CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 51 (Publicação impressa do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, 1704 e 1708).

⁹ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 186, col. dt.^a.

Largo do Corpo Santo, acercado pelo rio Tejo. A construção da Muralha Fernandina¹⁰ e a abertura de novos arruamentos incluem-no em espaço urbano (figuras 4 e 5). A fachada principal do templo e a portaria conventuais surgiram virados ao largo do Cruzeiro, actual Largo da Academia de Belas-Artes e, a fachada oposta virada para a rua Serpa Pinto¹¹.

Com as instalações já acanhadas para o número de fiéis e frades que acolhia, sucederam-se ampliações, em 1222, entre os anos de 1244 e 1246; e, em 1272, há notícia da construção de uma nova igreja e de acréscimos no espaço conventual¹².

O Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, tido por sede Capitular, teve como reformador e primeiro Ministro Provincial, o Venerável P.e Frei Francisco de Lisboa, decorria o ano de 1517¹³. Após um período de instabilidade política no reino¹⁴, o Convento atingiria um período áureo entre os séculos XV e XVI, sendo alvo de reedificação de vulto a partir do ano de 1528, por determinação de D. Manuel I, que o converteu num conjunto de “grande envergadura arquitectural”¹⁵. Ganha um novo acesso pela então criada Calçada de São Francisco, a partir dos novos aterros surgidos das obras de urbanização local (Figura 1).

O conjunto monumental foi riscado com igreja e respectiva área conventual¹⁶.

À primitiva igreja seria acrescentado amplo cruzeiro que acolheu quatro capelas colaterais, e três amplas naves – com os frades já seguindo a reforma da Observância (exercida ali desde o ano de 1517); as obras prosseguiram com D. João III que mandaria elevar o frontispício, com a ajuda de confrarias várias¹⁷, com maior destaque para a da Ordem Terceira de São Francisco.

O convento foi sendo redesenhado e acrescentado conforme às necessidades de cada época e abrangeu três claustros, um deles com grande cisterna¹⁸, e vasta cerca. A sua

¹⁰ Construída dentro do último quartel do século XIV, a mando de D. Fernando I, cujo limite era a Rua Do Alecrim, dotada de 77 torres.

¹¹ Os terrenos foram escolhidos pelos frades e doados pelo governo da cidade.

¹² Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, p. 187, col. dtª. e 188, col. esq.; CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 52; CML, 2008, p. 13; RIBEIRO, 1946, p. 38, dando 1246, como data do primeiro acréscimo da edificação.

¹³ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 189, col. dtª.; P. M. da S. P. 1741, p. 5.

¹⁴ De que não estaria afastado a questão das guerras com Castela (1369-1370, 1372-1373, 1381-1382) quando da subida ao trono de Portugal de D. Fernando I; e referência a Henrique II de Castela, numa segunda invasão do País com sua instalação no convento de S. Francisco, com afastamento dos frades (cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, p. 213-214; SERRÃO, 2007, vol. I, p. 285-294).

¹⁵ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 196, col. esq.; RIBEIRO, 1946, p. 38. Acolheu estudos superiores nas suas instalações ainda no século XIII e, a partir de 1453, o Estudo Geral de São Francisco de Lisboa que foi equiparado à Universidade (cf. MATTOSO, 2002-2003, vol. II, p. 538 e 539). Como dissemos antes, em 1517, depois de um período de oscilação de obediências e de tensões, as duas famílias, Observantes e Claustrais, separaram-se em duas províncias independentes: a Província da Observância de Portugal, dos Claustrais, com sede em São Francisco do Porto, e a Província de Portugal da Regular Observância com sede em São Francisco da cidade de Lisboa (cf. Direcção Geral de Arquivos : AN/TT Em linha.: Ref. PT-TT-PP : GFE - OFM Portugal, Província de Portugal, 1536, 1590, 1676-[18--], Disponível em [http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd=Show.tcl&dsqSearch=\(RefNo==‘PT-TT-PP’](http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd=Show.tcl&dsqSearch=(RefNo==‘PT-TT-PP’), recolhido em 27-01-2010).

¹⁶ A igreja sucumbiu aos incêndios e terramoto; a parte conventual apenas foi devastada em 25%, mantendo as suas alas em redor, pátios e Claustros, com celas nos pisos superiores (cf. SILVA, 1973, p. 13).

¹⁷ Cf. ESPERANÇA, 1666, Op. cit, Livro II, p. 192, col. esq., 193 col. esq. e 194, col dtª. Este desenvolvimento estará também relacionado com a reordenação da cidade com o Paço Real a mudar-se para a zona ribeirinha, dando um impulso urbano de modernização da capital, com D. Manuel I (cf. CARITA. Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521), Lisboa : Livros Horizonte, D.L., 1999, passim). O convento que teve, de início, a igreja separada dele por um arruamento, após os aumentos do século XVI, passou a formar um complexo com unidade física, com o acréscimo de uma capela-mor ao templo conventual, tendo a sua orientação sido mudada e ficado virada a nascente (cf. Lisboa, CML, 1948, t. I, Cap. II, §. I, p. 54; CALADO, 2000, p. 15). É aceite pelos historiadores que João de Castilho trabalhou na capela-mor (apud, MOREIRA, 1991).

¹⁸ A cisterna é curiosamente referida e sumariamente descrita in Francisco da Fonseca HENRIQUES, Aquilegio

volumetria abrangia três pisos com galerias cobertas por abóbadas de aresta segmentadas em vários tramos, com descarga do peso em muros ou mísulas. Os muros com alçado principal virado a Este foram rasgados por janelas que hoje apresentam tipologia vária, envolvendo os respectivos pátios descobertos. Os pisos articulam-se entre si por escadas simétricas de três lanços, localizadas no ângulo Sudoeste, pontuados ainda hoje com lambris em azulejaria rococó¹⁹.

As Instalações franciscanas degradar-se-iam grandemente com os incêndios referenciados em 1707²⁰, em 1741²¹, para além do provocado pelo terramoto de 1755, que o fez desaparecer em grande parte²², incluindo o seu recheio (grande manancial decorativo e artístico, e o acervo da vasta livraria do convento²³), e o espaço da Venerável Ordem Terceira.

O Convento da Cidade de Lisboa adquiriria relevância monumental, em meados do século XVIII (fig. 3), a par dum leque de edifícios coevos que emprestaram notoriedade à capital do Reino, testemunhada por estrangeiros vindos da Europa ou de outras partes do mundo ou por gente comum que no dia a dia povoava as suas artérias²⁴ (Figura 2).

Do seu antigo templo com suas vinte quatro capelas²⁵ onde assentaram quinze irmandades, nada resta. Da mole arquitectónica do antigo Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, sobrevivem, a tipologia pombalina, com os corpos paralelepípedicos de plantas quadrangulares riscados em redor de pátios, e alguma visibilidade para a cantaria de

medicinal em que se dá notícia das agoas de caldas de fontes rios. Lisboa : na Officina de Música, 1726. Grande parte da cerca seria doada pelos frades para a construção do palácio do duque de Bragança, no ano de 1500, quando eram ainda frades claustrais (cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 186, col. dt.ª; ainda, Lisboa, CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 52).

¹⁹ Sobre a história e arquitectura do convento franciscano da cidade de Lisboa e do seu templo de que nada restou cf. Lisboa, CML, 1948, t. I, Cap. II, § I a IV; CALADO, 2000.

²⁰ O incêndio de 1707, teria sido ocasionado por um foguete de festividades próximas, que no dia 9 de Junho desse ano infligiu o fogo que pegou no coro da igreja, alastrando-se pelo telhado das três naves da igreja (cf. Lisboa, CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 66- 67; P. M. da S. P., 1741, p. 5-6).

²¹ No Incêndio de 1741 os livros seguiram para o paço dos Condes da Ribeira (cf. P. M. da S. P., 1741, p. 10). Arderam os corredores do convento com excepção do chamado “dos Velhos” que acolhia a Enfermaria, o Noviciado, a sacristia, a Igreja, a cozinha, a Portaria dos Pobres, e outros locais comuns. Logo surgiram “grossas esmolos” para a sua reedificação; foram tomadas precauções a esse respeito, porque pessoas “de consciencias menos escrupulosas, pôde haver, como a experiencia ja mostrou” (deviam os religiosos franciscanos serem assistidos por Irmãos Terceiros, com seus trajes próprios, para serem reconhecidos e serem acompanhados de folhas de papel numeradas, onde assentariam as verbas “dadas ou prometidas”) (cf. P. M. da S. P., 1741, p. 6-11).

²² Cf RIBEIRO, 1946, p. 38-39. Há dificuldade em reconstruir os moldes certos espaciais da casa franciscana, ainda que por comparação com a generalidade das congéneres erguidas no país seja viável conjecturá-lo, dentro da traça usual.

²³ Será pertinente transcrevermos, os parágrafos seguintes, pelo interesse histórico ostentado: “Em 1876, foi remetida uma parte da documentação em duas remessas pela Direcção Geral dos Próprios Nacionais, livros 1 a 19, e o livro 22, das cotas antigas do Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa para a Torre do Tombo. Em 1894, foram remetidos pela Direcção Geral dos Próprios Nacionais, o livro 21, e os maços 1 a 6, das cotas antigas do Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa para a Torre do Tombo. Em 1883, em virtude da Portaria de 20 de Março de 1865 do Ministério da Fazenda, que mandou transferir para a Torre do Tombo a documentação que se encontrava no cartório da Repartição da Fazenda do Distrito de Lisboa, deu entrada em 9 de Maio, a documentação dos Conventos do Carmo de Lisboa, do Carmo Descalço de Carnide, da Congregação do Oratório, de São Domingos de Lisboa, o livro 20 e os maços 37 a 39 do Convento de São Francisco de Lisboa, documentos de Nossa Senhora da Luz, de São Francisco de Xabregas (com indicação dos números dos documentos incorporados) descritos nas relações assinadas por Eduardo Tavares, delegado do Tesouro, e por Roberto Augusto da Costa Campos, ajudante do oficial maior da Torre do Tombo. Em 1894, a 14 de Maio, foram transferidos os documentos pela Direcção Geral dos Próprios Nacionais para a Torre do Tombo.” (cf. Direcção Geral de Arquivos : AN/TT [Em linha]: Fundo (Código Referência) PT-TT-PP : GFE - OFM Portugal, Província de Portugal, 1536, 1590, 1676-[18--]; [Em linha]. [Consult. 27-01-2010]. Disponível em [http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd>Show.tcl&dsqSearch=\(RefNo=='PT-TT-PP\]](http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd>Show.tcl&dsqSearch=(RefNo=='PT-TT-PP])

²⁴ Na primeira vintena de século XVII, na dinastia Filipina, Lisboa tornou-se uma capital grandiosa e atractiva, até porque alguns projectos filipinos para Lisboa não deixaram de seguir o caminho traçado anteriormente. A relevância alcançada por Lisboa está testemunhada em gravuras, pinturas referenciadas em gravuras, obras impressas editadas no estrangeiro (em Holanda e Madrid) cf. CML, 2008, passim.

²⁵ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 195, col esq.

calcário e os silhares de azulejos já muito intervencionados; além de vestígios arqueológicos de cantaria, reutilizados em outros edifícios da cidade²⁶. Ainda assim, o complexo remanescente é considerado Imóvel de Interesse Patrimonial²⁷.

1.1 Outros espaços franciscanos na dependência do Real Convento de São Francisco da Cidade

Frei Manuel da Esperança, cronista da Ordem Franciscana, referencia o primeiro local ocupado pela Venerável Ordem Terceira do Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa²⁸, para ofícios próprios, no seu espaço, em duas capelas abertas no claustro da portaria²⁹; aí oravam e inumavam os irmãos defuntos³⁰. A mesma fonte documenta que, em tempo de Quaresma, os Terceiros organizavam procissões que saiam do claustro transportando as insígnias da paixão de Cristo, entrando na igreja dos frades³¹; informa, ainda, que a Casa do Capítulo, vasta área aberta numa galeria do claustro junto à igreja, teria sido utilizada pela Irmandade para os “santos exercícios” obrigatórios, e para outras funções que lhes estavam adstritas, durante a Semana Santa³².

Os frades conventuais começaram por ceder à Irmandade alguns lances das galerias do claustro junto à igreja, abdicando depois em seu favor dos quatro corredores, tornando-se os Terceiros, seus administradores³³, cuidadores da sua manutenção, restauros e embelezamento necessários, relevante para encenação das procissões que neles se realizavam³⁴. Propriedade desta comunidade, está documentado outro claustro, rasgado junto à portaria conventual, com fim aos enterramentos; como aconteceu com os outros, foi provido de capelas, duas das quais com administração da Ordem Terceira: a denominada Capela do Santo Cristo, para enterro dos Padres Comissários e dos Irmãos da Ordem de “virtude conhecida” e, a outra, a Capela do Santuário para funerais dos Irmãos Mesários³⁵.

Os diversos ofícios espirituais afectos à Ordem Terceira tomariam lugar, em data não apurada, em capela própria, adossada ao templo dos frades³⁶.

É conhecida uma capela que foi assento desta Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Convento da Cidade, denominada Capela do Bom Jesus de Portugal, jazigo dos Monteiros-mores do reino³⁷, aberta, em data desconhecida, na igreja dos frades, do lado da Epístola, no

²⁶ A colonata da frontaria do Teatro D. Maria, teriam provindo de um dos claustros; as duas colunas jónicas da frontaria da Escola Politécnica, recuperadas das ruínas da igreja conventual.

²⁷ Desde 30 de Novembro, pelo Dec. n.º 45/93, DR 280.

²⁸ Verificámos que, apesar de haver hábitos lançados em Viseu anteriores aos lançados em Lisboa, a Venerável Ordem é a mais antiga com fundação no país, após a sua renovação no Capítulo Geral de Toledo (1606). Foi a partir desta casa que o Superior Geral organizou o processo da “ressurreição” das antigas congregações Terceira Franciscanas a nível Nacional. Consulte-se o P.e Bernardino Ribeiro sobre o número e qualidade social dos novos Terceiros Seculares que se organizaram em torno de casas de Terceiros, por todo o século XVII e pelo seguinte (RIBEIRO, 1946, p. 132 e sgg.), sobre a sua consulta dos arquivos da Ordem Terceira deste Convento em 1949, onde apenas encontrou documentos de após o terramoto (cf. Idem. Ibidem. p. 136).

²⁹ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 254.

³⁰ A Ordem Terceira, tendo alcançado o privilégio de enterramento dos corpos dos seus Irmãos em determinados lanços do claustro, viu essa área aumentada com o tempo, devido à necessidade de cada vez mais espaço para procederem às exéquias devidas aos Irmãos defuntos, chegando a tomar posse das quatro galerias dele, sendo que os enterramentos dos frades era feito no outro claustro (cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § III, p. 68-71).

³¹ Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 255, col. esq.

³² Cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § III, p. 68.

³³ Quando o cronista refere “o cemitério da sua (...) Ordem”, referindo Irmãos Terceiros defuntos, talvez se reporte a este claustro, onde seriam inumados apenas Irmãos da Ordem Terceira (Cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, p. 257, col. dt.^a e 260, col. dt.^a).

³⁴ Cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § III, p. 68.

³⁵ Idem. Ibidem, t. I, Cap. II, § III. Pensamos que esta capela possa ter sido a destinada à guarda das imagens religiosas, geralmente imagens de roca, que eram usadas nas procissões da semana Santa ou outras.

³⁶ Cf. RIBEIRO, 1946, p. 141-143.

³⁷ As capelas da igreja eram patrocinadas por diferentes entidades/confrarias que delas cuidavam e se encarregavam

cruzeiro; teve o patrocínio de monarcas e de grande número de figuras da alta linhagem da Corte, que assim se podiam fazer sepultar no claustro do convento. Consta que era de grande beleza, tinha tribuna em talha dourada e o tecto pintado e, de cada lado, painéis dependurados, com cenas da Paixão de Cristo em molduras de talha dourada; faria parte dela um “Santuário” aberto do lado do Evangelho fronteiro a uma janela³⁸. A “sacristia grande” teria sido traçada, por trás da capela³⁹ e por trás desta, outra sala, atribuída também à Ordem Terceira, juntamente com mobiliário e alfaias ornamentais de culto⁴⁰.

Entre os anos de 1671 e 1672, os Irmãos Terceiros construíram três enfermarias, com fim a acolher, separadamente, irmãos, irmãs, e estranhos à Ordem necessitados, cada uma com capela própria preparada para officiar missas, instalações que viriam a desaparecer com o terramoto de 1755⁴¹.

Sem informação sobre os cerca de quinze anos que medeiam as catástrofes de 1741 e de 1755, parece-nos viável a hipótese deste convento franciscano da cidade de Lisboa ter sido alvo de alguma recuperação/restauro, quer no templo da Primeira Ordem quer no da Terceira Ordem, pois há notícia de um sermão aí pregado em festa solene, correndo o ano de 1747⁴².

Após estes acontecimentos, foi riscada uma nova planta do espaço franciscano, com nova igreja – traço de Honorato José Correia (act. 1777) – que se pretendia majestosa⁴³; todavia, não estava ainda concluída, quando, em 1834, foram extintas as Ordens religiosas⁴⁴.

SINGULARIDADES

É recorrente entre os historiadores da Arte a informação de que este Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, devido às suas dimensões de invulgar amplidão, teria sido designado por Filipe II, de Cidade de São Francisco⁴⁵, epíteto que teria perdurando até à sua destruição pelo terramoto⁴⁶.

dos actos religiosos, em determinados dias seleccionados pelo cânone católico; ainda assim, sabe-se que os frades também se encarregaram de benfeitorias nelas (cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 59). Esta irmandade, em 1704, contaria com mais de 125000 irmãos (cf. CALADO, 2000, p. 22). Do lado oposto, da banda do Evangelho, reunia-se a Irmandade das Chagas de São Francisco, que tinham autorização para, em dias certos, procederem à procissão do Cordão de São Francisco nos claustro do convento.

³⁸ O Santuário, parece tratar-se de uma pequena capela onde eram guardadas preciosidades místicas da Ordem, que teria um patrocinador com carneiro nela (cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 59).

³⁹ Pela descrição, parece-nos que esta sacristia pertenceria à Ordem Terceira, pois está notificado que a sacristia da igreja fica, sendo sua propriedade “(que he ainda a mesma que tinha a igreja antiga, quando a capella-mor della estava aonde agora fica a porta)” que, portanto, ficaria à entrada da igreja Manuelina, com passagem para um dos claustros (cf. ESPERANÇA, 1666, Livro II, fl. 192, col. dt^a.; CML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 59- 67).

⁴⁰ Idem, ibidem, t. I, Cap. II, § I, p. 59.

⁴¹ Em 1770, os Irmãos adjudicaram um terreno próximo ao Convento e ergueram um novo hospital, por decisão do padre Comissário Frei Domingos da Cruz (cf. CML, 1948, t. I, Cap. II, § III, p. 78).

⁴² Foi o sermão pregado “... em dia de Santa Brigida estando o Santíssimo exposto, e assistindo a Venerável Ordem 3.^a de N. P.e S. Domingo dedicado à muito Venerável Ordem Terceira do mesmo Serafido Patriarcha S. Francisco de Cidade de Lisboa, por Fr. Antonio de St^a M^a dos Anjos Melgaço, Filho da Província Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, e Lente de Prima da mesma faculdade nos Reaes Estudos de Mafra” (cf. MELGAÇO, 1748).

⁴³ Há notícia de, em 1829, a Santa Província dos Religiosos Menores de Portugal ter nomeado pessoal, para vários conventos activos, entre os quais consta o de São Francisco da Cidade de Lisboa (cf. RIBEIRO, 1946, p. 27).

⁴⁴ Em 1839 foi demolido o edifício que fora implantado no lugar da antiga igreja, sendo aproveitadas as colunas jónicas que ostentava no exterior, para integrarem as fachadas da Escola Politécnica e das do Teatro Nacional D. Maria II. Como ref. Governo Civil de Lisboa [Em linha]. [Consult. 03-05-2009] O Convento de S. Francisco da Cidade. Disponível em <<http://www.gov-civil-lisboa.pt/inicio/governo-civil/historia/edificio/>>.

⁴⁵ A área ocupada no período áureo era tão grande que era chamado “a cidade de São Francisco” de acordo com P. M. da S. P., 1741, p. 5.

⁴⁶ Cf. P. M. da S. P., 1741, p. 5.

O que resta deste antigo complexo franciscano os corpos que ocupam amplo quarteirão da freguesia dos Mártires, em pleno centro histórico lisboeta, estruturados entre as ruas Capelo, Ivens⁴⁷, Serpa Pinto e Víctor Córdon destaca-se, como outrora⁴⁸ no topo de uma das colinas da cidade.

Após 1834, com a extinção das Ordens Religiosas, o conjunto arquitectural seguiu os trâmites adoptados para a maioria dos conventos abandonados do país, depois de alvo de obras de restauro, reconstrução e adaptações, foi reutilizado para realojamento de serviços do Estado⁴⁹.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. “Ordens Terceiras”, in Dicionário de História Religiosa em Portugal, J - P, Círculo dos Leitores, Rio de Mouro, 2000;
- BELÉM, P.e Frei Jerónimo de. Crónica Seráfica da Santa Província dos Algarves, Parte I, fls. XVII e XIX, 1750;
- CALADO, Margarida. O Convento de S. Francisco da Cidade, Lisboa : Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2000;
- Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa do Século XVII : “A mais deliciosa terra do Mundo—Imagens e Textos nos Quatrocentos anos do nascimento do padre António Vieira”, Lisboa : Edição do Gabinete de Estudos Olisiponenses, Direcção Municipal de Cultura, 2008;
- CARITA, Hélder. Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521), Lisboa : Livros Horizonte, D.L., 1999;
- Cidade de Lisboa. Lisboa : Off. de Miguel Rodrigues, [s. p.], 1748; Arquivo da Ordem Terceira de São Francisco da Cidade : Livro de Termos da Junta Grande, fl. 169 e sgg.;
- Collection de Gravures & Dessins. “Portugal - Vue de Lisbonne “Ville capitale du Royaume de PORTUGAL située à l’embouchure du TAGE”. XVIIIème - Gravure à l’eau-forte, sur papier vergé. Gravée par Aveline [Pierre Aveline (1656-1722)] a Paris, chez Crépy, rue St Jacques à St Pierre. Marges. (24 x 31) - Etat A”, [1692?];
- Direcção Geral de Arquivos : AN/TT [Em linha]. [Consult. 27-01-2010]. Ref. PT-TT-PP : GFE - OFM Portugal, Província de Portugal, 1536, 1590, 1676-[18--], Disponível em <[⁴⁷ A antiga Rua de S. Francisco, freguesia dos Mártires.](http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqDb=Catalog&dsqCmd>Show.tcl&dsqSearch=(RefNo==’PT-TT-PP’>”>>;</p>
<p>ESPERANÇA, Frei Manuel da. Historia serafica da ordem dos frades menores de S. Francisco na provincia de Portugal, Lisboa : Officina de manoel & Joseph Lopes Ferreyra, 1656-1721, 1666, Livro II, fl. 186, col. esq.;</p>
</div>
<div data-bbox=)

⁴⁸ Como se constata em expressões iconográficas da Lisboa Seiscentista: Gravura em água-forte, AVELINE, 1615-1722. Lisbonne, ville capitale de Royaume de Portugal située a l’embouchure du Tage, 1692?, Dim. da Matriz: 21 x 31,4 cm, MC. GRA 340; Vista Planta de Lisboa numa gravura copiada e adaptada da segunda gravura de Lisboa publicada por Georg Braunius c. 1598 e impressa a água-forte por Pieter van der Berge em Theatrum Hispaniae, Amsterdão, c. 1700, folha solta Dim. da matriz: 16,8 x 25,5 cm MC. GIRA 410; João Nines TINOCO. Planta de Lisboa, Desenho aquarelado feito em 1850 a partir do original de 1650, entretanto perdido (61,8x88,1 cm; MC DES 1084) (ref. CML, 2008, p. 68, 104-105).

⁴⁹ Nos andares superiores guardou-se vasta panóplia de livros vindos das outras casas religiosas devolutas desde 1834. O Governo Civil de Lisboa foi aí instalado em 1835; a Biblioteca Nacional ficou ali, a partir de 1836, até à transferência para o Campo Grande, em 1965, tomando o seu lugar a Escola Superior de Belas-Artes (cf. SILVA, 1973, p. 12-14). Dos livros e documentos que ali tinham sido armazenados, foram remetidos para a Torre do Tombo, em 1867, os livros de 1 a 19 e o 22; no ano de 1894, foram remetidos o livro 21 e os maços 1 a 6; no ano de 1883, o livro 20 e os maços 37 a 39 (das cotas antigas do convento); a maior parte da documentação deste fundo esteve, até ao ano de 2002, identificada como do fundo do Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, conforme cotas antigas; passaram para o fundo Província de Portugal da Ordem dos Frades Menores e receberam cota específica (cf. [Em linha] Governo Civil de Lisboa. O Convento de S. Francisco da Cidade). Acolheu, em 1862, a Galeria Nacional de Pintura, que daria, em 1911, origem ao Museu Nacional de Arte Contemporânea. Para mais pormenores sobre esta edificação, incluindo bibliografia alargada, consulte-se VALE, GOMES, PASCOAL, TEIXEIRA. [Em linha], 1994, 2011.

- Governo Civil de Lisboa [Em linha]. [Consult. 03-05-2009] O Convento de S. Francisco da Cidade. Disponível em <<http://www.gov-civil-lisboa.pt/inicio/governo-civil/historia/edificio/>>;
- HENRIQUES, Francisco da Fonseca. Aquilegio medicinal em que se dá noticia das agoas de caldas de fontes rios. Lisboa : na Oficina de Música, 1726;
- Lisboa : C.ML, 1948, t. I, Cap. II, § I, p. 51 (Publicação impressa do Manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção XIII, n.º 145, anónimo, 1704 e 1708);
- LISBOA, Frei Marcos de, OFM. Chronicas da Ordem dos Frades menores, e das outras ordens segunda e terceira, instituidas na igreja per o santíssimo Padre Sam Francisco. Lisboa : Oficina de Pedro Crasbeeck, 2ª parte, fl. 170, 1562;
- MATTOSO, José, dir. História de Portugal. Lisboa : Lexicultural, 2002-2003, vol. II;
- MELGAÇO, António de Santa Maria dos Anjos. Sermão do Patriarca São Francisco, pregado na Veneravel Ordem Terceira no Convento de São Francisco da cidade de Lisboa. Lisboa : Off. de Miguel Rodrigues, [s. p.], 1748;
- Memorias historicas, e apendice segundo á Disposição quarta da Colecção das Disposições do Superior Provincial, para a observancia, e estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco. Lisboa : Regia Off.. Typografica, 1794;
- MOREIRA, António Montes. “Franciscanos”, volume C-I, p. 273-280, in AZEVEDO, Carlos Moreira, dir. Dicionário de História Religiosa de Portugal, Círculo de Leitores, Lisboa, 2000;
- MOREIRA, Rafael. A arquitectura do renascimento no Sul de Portugal : a encomenda Régia entre o moderno e o romano. Lisboa : Colibri [S. n.], 1991.
- P. M. da S. P. Relação do notável incêndio, e lastimoso estrago, que houve no Real Convento de S. Francisco da Cidade, em quinta feira 30 de novembro de 1741. Lisboa : Offic. Alvarese, 1741;
- Regra e estatutos da Fraternidade da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade de Lisboa. Braga : Editorial Franciscana, 1983.
- RIBEIRO, P.e Bartolomeu, O. F. M.. Guia de Portugal Franciscano Continental e Insular – Esquema Histórico de 1217 a 1834 e Crónica Sucinta da província dos Santos Mártires de Marrocos. Leixões, 1946;
- _____. Ordem Terceira Secular de S. Francisco de Assis: Instituições histórico-jurídicas destinadas ao clero.: Empresa do Boletim Mensal, Braga, 1924;
- Sermaõ nas Exéquias da Sereníssima Rainha N. Senhora D. Maria Sofia Isabel de neoburg, celebradas em 19. de Agosto de 1699. em o Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa pela Ordem Terceira, sendo Ministro. Fez Pontifical o Illustrissimo Senhor D. Fr. António Botado, Bispo de Hipponia. Lisboa : na Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Majestade, 1699;
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. “Estado, Pátria e Nação (1080-1415)”, História de Portugal. Lisboa : Editorial Verbo, 2007, vol. I, p. 285-294;
- SILVA, Luís Cristino da. A sede da Academia Nacional de belas Artes no vetusto edifício do Antigo Convento de São Francisco da Cidade : Estudos e subsídios diversos. Lisboa : Ministério da educação nacional, Secretaria de Estado da Instrução e Cultura - Direcção Geral dos Assuntos Culturais, 1973;
- VALE, Teresa, GOMES, Carlos, 1994; PASCOAL, Ana; TEIXEIRA, Catarina, 2011, [Em linha] Convento de São Francisco da Cidade / Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa / Academia Nacional das Belas Artes / Museu do Chiado, IPA 00004020, (Consult. 21-07-2012). Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4020>;
- Vista Planta de Lisboa numa gravura copiada e adaptada da segunda gravura de Lisboa publicada por Georg Braunius c. 1598 e impressa a água-forte por Pieter van der Berge em Theatrum Hispaniae, Amsterdão, c. 1700, folha solta Dim. da matriz: 16,8 x 25,5 cm MC. GIRA 410.

IMAGENS



Figura 1 - Vista aérea das estruturas do antigo Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. [Em Linha] Google Earth, (Consult. em 09-12-2014), 2002

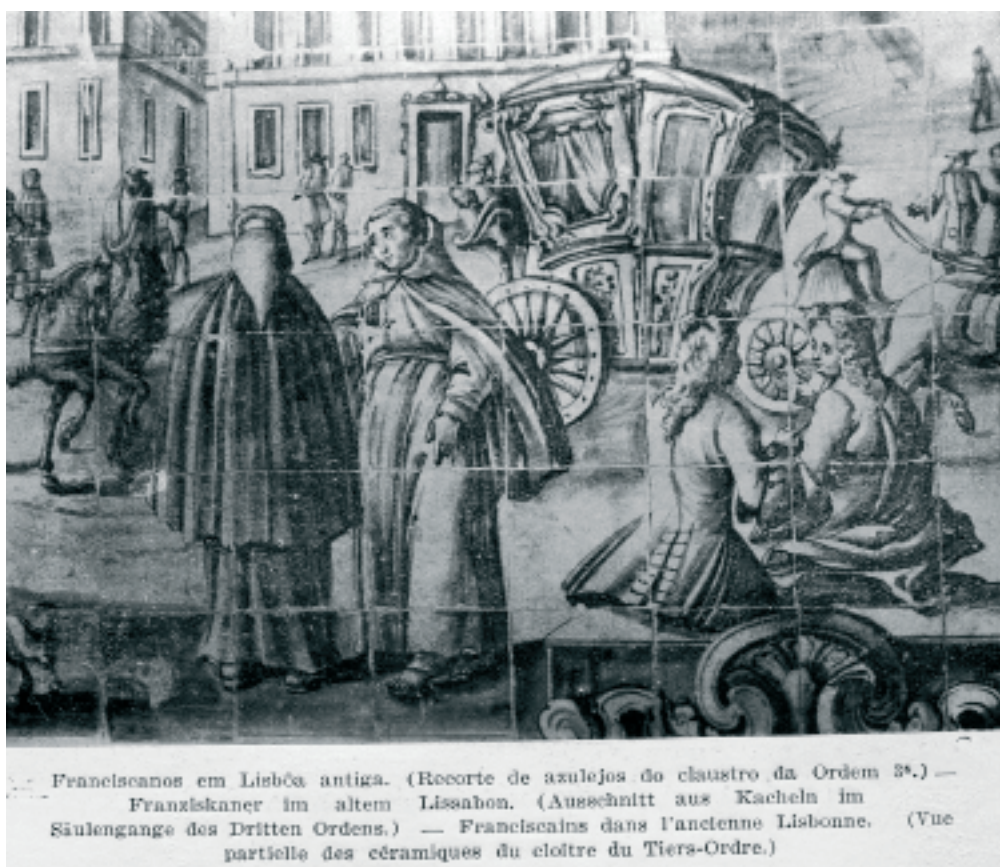


Figura 2 - Franciscanos em Lisboa antiga - pormenor de painel azulejar do claustro da Ordem Terceira de São Francisco do Convento de São Francisco da Baía (gravura in Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Frei Pedro Sinzig, OFM, Livro Maravilhas da Religião e da Arte, Rio de Janeiro, Imprensa nacional, 1933, p. 315).



Figura 3 - Ao centro, em plano recuado, vista do Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa. Foto parcial do Painel Azulejar da Lisboa anterior ao terramoto de 1755 : Museu Nacional do Azulejo



Figura 4 - Vista parcelar da fachada Este do antigo Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa



Figura 5 - Vista parcelar da fachada Sul do antigo Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa

ALBERTINA MARQUES PIRES BELO

DOUTORAMENTO - Classificação: dezoito valores

Título da Tese: As Ordens Terceiras de São Francisco na Zona da Mata - Implantação da Província Franciscana de Santo António do Brasil ao longo dos Séculos XVII e XVIII (Lisboa, 2011)

1999 - Grau: MESTRADO - Classificação: Muito Bom (dezoito valores)

Título da tese: A Arquitectura do Colégio Jesuíta de Olinda dos séculos XVI e XVII

1992 - Grau: LICENCIATURA

Título da tese: Espaço Unificado a Espaço Diversificante - Santa Maria de Belém e a Extinção das Ordens Religiosas

1994 - Grau: ANO SUPLEMENTAR DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA

Título da tese: Casa dos Bicos / Património Artístico

Investigadora

ILID – Instituto Lusíada de Investigação e Desenvolvimento

CITAD – Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design

Email: <albertinabelo@optimus.cliv.pt>